

No avesso, o trabalho: a urdidura poética de Orides Fontela

Irana Magalhães Timoteo

Mestranda em Literatura Brasileira no Programa de Pós-Graduação em Literatura

Brasileira da Universidade de São Paulo

(FFLCH-USP)

E-mail: irana.mt@gmail.com

A pesquisa que será apresentada aqui propõe-se a investigar os aspectos simbólicos ligados ao trabalho e, mais especialmente, ao trabalho da tecelagem na poesia de Orides Fontela, a fim de compreender como a poeta utilizou os elementos relacionados à produção têxtil para unir, em uma trama maior, a materialidade do ato de tecer com o próprio fazer poético. Pretendemos averiguar como essa urdidura entre texto e tecido apresenta-se no vocabulário, nas figuras míticas, na ideia de trabalho e nas imagens tecidas pela poeta, em um exercício poético que busca compreender o ser através da linguagem. Para refletir sobre este assunto, selecionamos os poemas que abordam essa relação a partir da obra completa de Orides Fontela, composta por cinco livros publicados entre 1969 e 1996, a fim de observar como esses elementos se manifestam na elaboração dessa poética que se realiza na relação entre o pensamento e o trabalho das mãos. Com *Transposição* (1969), sua primeira publicação, Orides Fontela (1940 - 1998) entra para o cenário literário brasileiro como caso poético singular. Descolada dos movimentos que fervilhavam na poesia brasileira daquele período, a poeta usou sua própria voz para estabelecer a sua posição diante da realidade e daquilo que possa estar além dela. A concisão verbal que encontramos em seus poemas chamou a atenção de poetas e críticos literários por apresentar uma densidade poética significativa em poucas palavras, além de uma profundidade filosófica, em um primeiro momento, intuitiva, que se aprofundou após os anos de formação em Filosofia na Universidade de São Paulo. Este reconhecimento dado por críticos como Antonio Candido, Alcides Villaça, Davi Arrigucci Jr., Marilena Chauí e Augusto Massi garantiu que Orides conseguisse invadir o Olimpo, como ela se referia à sua entrada na literatura brasileira, mas o reconhecimento formal chegou mesmo nos anos 80, ao receber o prêmio Jabuti, em 1983, com “Alba”, e, em 1996, quando foi agraciada com o Prêmio da Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) por “Teia”. O que notamos é que a poeta ocupou um lugar incerto no cânone da poesia brasileira, sem se prender a nenhum dos movimentos daquele período, destacando-se como uma voz única e independente. Apesar de ocupar um lugar limítrofe, isso não a impediu de consolidar-se como voz poética original, capaz de transcender o contexto imediato de sua época e de apresentar obras que se destacam por seu caráter atemporal.